

Homofobia na escola: o discurso indiferente ao aluno diferente

Luciana Cristine Fazano¹

Arilda Inês Miranda Ribeiro²

Vagner Matias do Prado³

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Resumo: Esta pesquisa apresenta discussão sobre a dimensão da homofobia na escola e como ela se dá. Nosso objetivo é provocar reflexões sobre as homossexualidades problematizando as identidades masculinas e femininas, não como biológicas, mas como construções sociais. Utiliza a Teoria *Queer* e os estudos sobre homofobia. Trata-se de um trabalho quali-quantitativo, onde recorreremos à pesquisa bibliográfica e à análise desconstrutiva. O trabalho estruturou-se a partir de um questionário respondido por 108 alunos, deste questionário foram escolhidas 4 questões. As respostas obtidas através destas perguntas serviram de base para a análise desconstrutiva. A análise das questões demonstrou que vários alunos internalizaram o discurso homofóbico e o (re)produzem, tentando manter o status “natural” da heterossexualidade.

Palavras-chave: Homofobia; Teoria *Queer*; Educação.

¹ Mestranda em Educação FCT/UNESP.

² Professora Titular do Depto de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação FCT/UNESP; Coordenadora do NUDISE – Núcleo de Diversidade Sexual na Educação.

³ Doutorando em Educação FCT/UNESP.

Introdução

A homofobia se caracteriza por sentimentos de ódio, aversão e desprezo contra as representações sexuais que fogem ao modelo heterossexual. O presente estudo insere-se no âmbito da teoria *queer*, que discute questões de gênero(s) e sexualidade(s). O presente artigo é oriundo das problematizações geradas durante uma pesquisa de mestrado, ainda em desenvolvimento, e que se insere junto à Linha de Pesquisa “Processos Formativos, Diferença e Valores” do Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP (FCT-UNESP), *campus* de Presidente Prudente. Também faz parte de reflexões das reuniões do NUDISE - Núcleo de Diversidade Sexual na Educação, núcleo este que tem como objetivo problematizar os mecanismos de construção dos sujeitos em suas dimensões histórica, cultural e social.

Suas indagações dizem respeito acerca das (des)construções de gênero e homossexualidades.

A pesquisa justifica-se não só através da experiência de uma das autoras enquanto profissional da área da Psicologia Escolar, como também por acreditar que o estudo ora apresentado tem importância tanto teórica quanto social, visto que vivemos em um momento no qual as práticas escolares ainda apresentam resistências às mudanças.

A escola não é um espaço de expressão da sexualidade, pelo contrário. Ela restringe o comportamento, vigia e exerce um controle sobre as atitudes dos alunos. É tão hostil às manifestações das diferenças culturais quanto às relacionadas às expressões de sexualidade. Constrói e coloca em funcionamento mecanismos de controle social com o intuito de normalizar condutas e comportamentos. Dessa maneira, no que se refere às manifestações de sexualidade que não atendem ao modelo heterocêntrico, a instituição escolar pode colaborar para a construção e legitimação da homofobia.

Assim, problematizar a homossexualidade nos espaços escolares pode contribuir para gerar mudanças no comportamento dos sujeitos ali inseridos, desestabilizando as relações de poder, e promover novas configurações das relações sociais ali existentes.

Objetivo

Fundamentados nos pressupostos da teoria *queer* (Butler, 2003; Louro, 2001, 2003, 2007; Sedgwick, 2007; Miskolci, 2007), e nos estudos sobre homofobia (Borrilo, 2009), temos por objetivo refletir sobre as manifestações homofóbicas, analisando o posicionamento dos alunos do Ensino Médio, de ambos os sexos, entre 14 e 20 anos, em relação às sexualidades “invisíveis”⁴ e explorando as noções de preconceito e discriminação.

4 Quando referimo-nos as sexualidades invisíveis estamos falando de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais que ainda se encontram no denominado “closet” (Sedgwick, 2007).

Metodologia

Trata-se de um trabalho quali-quantitativo que procura analisar as representações que adolescentes do Ensino Médio da rede estadual de Presidente Prudente – SP manifestam sobre a homossexualidade. Os dados foram obtidos através da aplicação de um questionário contendo 114 questões referentes à sexualidade dos jovens nessa fase escolar⁵. Das questões propostas, foram selecionadas quatro para servir como base para nossa análise. As questões selecionadas referem-se especificamente ao preconceito e discriminação direcionadas aos sujeitos LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais).

A Pesquisa em andamento

Esta pesquisa se estrutura a partir do estudo transversal analítico descritivo – Apontamentos sobre o atentar contra a própria vida, homofobia e adolescências – resultado da pesquisa “Adolescências e sexualidades”⁶, realizada em maio de 2008 em uma Escola do Ensino Médio de Presidente Prudente-SP, sob a coordenação do Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Filho (UNESP Assis-SP) e já encerrada.

Na referida pesquisa, foi adaptado para o contexto brasileiro um questionário empregado em pesquisa realizada em 2001 pelo *Centre Gai & Lesbien* de Paris, em colaboração com pesquisadores do CNRS, sendo o estudo considerado como transversal analítico. O questionário foi respondido por 108 alunos de uma única escola central da cidade em questão, com média de idade de 16 anos e 7 meses, sendo 55 dos respondentes do gênero feminino. Deste questionário, 4 questões foram escolhidas para subsidiar nossas análises, pois, abordavam conteúdos sobre crenças e atitudes relacionadas com a homo, hetero e bissexualidade, experiências sobre práticas homofóbicas dirigidas a homo e bissexuais, e sociabilidade. Contudo, a pesquisa ainda encontra-se em fase final de análise das respostas, os resultados apresentados aqui são parciais.

Para que pudéssemos utilizar as respostas referentes às quatro questões contidas no questionário da pesquisa realizada em 2008, o coordenador da mesma foi devidamente informado e forneceu as informações necessárias para a realização de nosso estudo. Assim, passaremos a transcrever as questões para propor algumas reflexões sobre as respostas obtidas.

5 Se refere à pesquisa “Adolescências e Sexualidades” coordenada pelo Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Filho, professor da Unesp de Assis-SP, e financiada pelo PN DST/AIDS do Governo Federal Brasileiro.

6 Projeto de pesquisa aprovado em Edital em 2007 dentro do Acordo de Cooperação PN-DST/AIDS – SVS/Mistério da Saúde/BIRD/Unode (projeto ad/bra/03/h34 – acordo de empréstimo BIRD 4713-BR). Tal projeto foi desenvolvido em regime de parceria pelas seguintes instituições: ONG NEPS (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre as Sexualidades), na qualidade mantenedora, pelo Grupo de Estudos e pesquisas sobre Sexualidades (GEPS) vinculado ao Departamento de Psicologia Clínica da UNESP de Assis e em parceria com pesquisadores de outras instituições (UNESP – Presidente Prudente via NUDISE [Núcleo de Diversidade na Educação], UERJ, UnB, UFRGS, PUC/SP, C.O.R.S.A. e UNICAMP), respectivamente na qualidade de executoras/ES e colaboradoras/ES.

Questão 55: Faça um círculo no número que corresponde à sua resposta:

Homossexuais são uma ameaça para a sociedade?

A homossexualidade é um desvio e deve ser curada?

A homossexualidade é tão ‘normal’ quanto a hetero e/ou a bissexualidade?

Na questão 55 foram indagadas questões relativas à aceitação ou não das homossexualidades. Quando perguntado aos alunos e alunas se consideravam os homossexuais uma ameaça para a sociedade, 78,6% responderam que não, prevalecendo um discurso de tolerância e aceitação do sujeito “homossexual”, e não da homossexualidade.

Ao comparar esta questão com outras, vimos que a homofobia está presente entre os alunos e alunas, pois, apesar de não considerarem os homossexuais uma ameaça para a sociedade, 38% dos respondentes acreditam que a homossexualidade seja um desvio e deve ser curada. 29,5% das respostas não acham a homossexualidade tão normal quanto à hetero ou bissexualidade.

A escola costuma padronizar as condutas e os pensamentos de seus alunos. Ao abordar o tema sexualidades, o faz através de um discurso normativo e prescritivo do que seria uma boa conduta sexual, legitima algumas identidades e práticas sexuais e, através do silenciamento, marginaliza outras (LOURO, 2007; PRADO, 2010).

Os alunos e alunas internalizam este discurso e o reproduzem. Aqueles e aquelas que deixam sua sexualidade invisível são aceitos, o que incomoda é vê-la exposta, marcada nos corpos. Estes transgridem a norma, desestabilizando-a no interior da escola, e ficam assim sujeitos a variadas formas de preconceito e exclusão, já que não estão dentro da fronteira do aceitável.

Questão 95: Caso você escute alguém contar piadas que ofendam às pessoas que não são heterossexuais, você:

Irrita-se, mas finge que se diverte para que não pensem que você seja homossexual;

Irrita-se e pede para não rirem das pessoas por conta de sua orientação sexual;

Irrita-se, fica chateado(a) e sai discretamente do grupo, pois tem medo de dizer que você não gostou e pensem que você não seja heterossexual.

Diverte-se, pois acha normal (correto) fazerem piadas sobre as pessoas que não são heterossexuais.

Como resposta e resultados preliminares dessa pesquisa, 32,6% dos alunos e das alunas demonstraram irritação com as brincadeiras e pediriam para não rirem dos sujeitos por conta de sua orientação sexual. Em contrapartida, 39,1% afirmaram divertir-se por acharem “normal” este comportamento, mostrando que muitos dos alunos e das alunas internalizam o discurso homofóbico e o (re) produzem. Dessa forma procuram manter o *status* “natural” da heterossexualidade ao utilizar piadas e xingamentos para marcar a diferença e oprimir aqueles e aquelas que ousam manifestar uma “outra” sexualidade que deveria se manter no anonimato.

Os dados acima revelam a construção social da sociedade atual. De acordo com Louro (2007), em nossa sociedade a norma que se estabelece (se estabeleceu), historicamente, nos remete considerar como representação padrão o homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão. Essa representação passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Ao classificar os sujeitos, toda sociedade estabelece divisões e atribui rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa e, de formas sutis ou violentas, também distingue e discrimina. A resposta dos alunos é um espelho da perspectiva acima descrita.

Nossa cultura, nesse sentido, é permissível e pouco cidadã. Admite que piadas, apelidos jocosos e xingamentos sejam proferidos àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem.

Questão 96: Como você define a sua sexualidade?

Heterossexual (Vá para a questão 107)

Bissexual

Homossexual masculino (gay)

Homossexual feminina (lésbica)

Travesti

Transexual

Recusa-se a se definir

Não sei [9] Outras: _____

Na questão 96, 92,5% dos alunos se declararam heterossexuais, 1 (0,9%) aluno se declarou gay; 2 (1,9%) alunas se declaram lésbicas; 2 (1,9%) alunos recusaram-se a definir; 2 (1,9%) alunos disseram não saber e 2 (1,9%) assinalaram “outras”.

Notamos aqui que poucos sujeitos se declaram não heterossexuais, isto talvez se dê, pois, tanto a orientação homossexual como a identidade de gênero LGBT não são aceitas socialmente e assim muitos adolescentes homossexuais são forçados a se tornarem invisíveis nos espaços escolares e na família. Muitos acabam fingindo uma outra orientação sexual para serem aceitos e não sofrerem preconceito e discriminação.

Segundo Junqueira (2009) a homofobia na escola exerce um efeito de privação de direitos sobre os jovens que estão vivenciando processos de construção identitária sexual e de gênero e que os situam a margem da “normalidade”. Esse fato pode afetar-lhes o bem estar subjetivo, incide no padrão das relações sociais entre estudantes e destes com profissionais da educação, interfere nas expectativas quanto ao sucesso e ao rendimento escolar, produz intimidação, insegurança, estigmatização, segregação e isolamento, estimula a simulação para ocultar a diferença, vulnerabiliza física e psicologicamente, afeta a construção da autoestima.

Diante disso, é possível entender porque muitos jovens, que têm orientação sexual diferente da heterossexual, não se declaram com homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais.

Questão 107 : Ordene (1º, 2º... lugar) as alternativas abaixo a partir daquilo que você considera mais violento:

- Atirar em alguém
- Estuprar
- Bater em homossexuais
- Usar drogas
- Roubar
- Andar armado
- Não é possível ordená-las pois todas são igualmente violenta

O ato de bater em homossexuais foi considerado a quinta ação mais violenta para 38,2% dos alunos, num total de sete propostas, ficando na frente apenas das ações de usar drogas e daqueles que não conseguiram ordená-las, pois, achavam que todas eram igualmente violentas.

Apesar de 38,2% dos alunos considerarem o ato de bater em homossexuais o mais violento, isto não impede que muitos ainda apresentem comportamentos homofóbicos, já que a homofobia é considerada uma opinião aceitável. Vários sujeitos não apresentam nenhum sentimento de rejeição a homossexuais, porém, consideram que eles não são merecedores de tratamento igualitário. O homossexual é relegado a um plano inferior, marginalizado e, por isso, fica fora do universo das “pessoas comuns”.

Considerações finais

A escola, ainda hoje, silencia e oculta todos e todas que ousam serem diferentes dos que seguem normas que regulam e normatizam o comportamento. Opta-se por um discurso indiferente ao seu aluno diferente. Assim, muitos dos estudantes que não se adequam (ou não querem se adequar) aos padrões de normalidade tornam-se invisíveis, pois não podem ser reconhecidos, vistos, ouvidos, respeitados e/ou amados (Junqueira, 2009). O discurso em relação às sexualidades ainda é feito por um viés predominantemente biológico e preventivo, sendo indiferente ao caráter singular, social e político da sexualidade. Portanto, não considera que ela é aprendida, construída ao longo de uma vida.

Assim, esperamos que a análise desconstrutiva destas questões seja relevante para o estudo de gênero e das homossexualidades. Que estudos como este possam garantir o exercício da cidadania e que o reconhecimento de toda e qualquer diferença seja vista como positiva, pois, o que caracteriza nossa sociedade é a diversidade cultural nela existente.

Fazano L.C., Ribeiro A.I.M., Prado V.M. (2011) Homophobia in school: the speech indifferent to different student. *Revista de Psicologia da UNESP* 10(2), 77-84.

Abstract: *This research presents discussion on the extent of homophobia at school and how it is achieved. Our goal is to provoke reflection on homosexuality questioning the masculine and feminine identities, not as biological but as social constructions. Use Queer Theory and research on homophobia. It is a qualitative and quantitative work, where we turn to literature and deconstructive analysis. The work was structured on the basis of a questionnaire answered by 108 students, this questionnaire four questions formed the basis for deconstructive analysis. The analysis showed that several of issues students have internalized the homophobic discourse and the (re) produce, trying to maintain a status of “natural” heterosexuality.*

Keywords: *Homophobia; Queer Theory; Education.*

Bibliografia

BORRILLO, Daniel (2009). A homofobia. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora (Orgs.). *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres; Ed. UnB.

BUTLER, Judith (2003). O Parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cadernos Pagu*, 21, 219 – 260.

_____. (2007). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G.L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp. 151-172). Belo Horizonte: Autêntica.

FURLANI, Jimena (org) (2008). *Educação sexual na escola: equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. Florianópolis: UDESC (Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina).

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org) (2009). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO.

LOURO, Guacira Lopes (2001). Políticas de educação para a diversidade sexual: escola como lugar de direitos. *Estudos Feministas*, v. 9, (2), 541-553.

_____. (2003). *Gênero, sexualidade e educação: uma Perspectiva Pós-estruturalista* (5a ed.). Petrópolis: Vozes.

_____. (org) (2007). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica.

MISKOLCI, Richar. (2007). Comentário. *Cadernos Pagu*, 28, 55-63.

PRADO. Vagner Matias do (2010). *Sexualidade(S) em cena*: as contribuições do discurso audiovisual para a problematização das diferenças nos espaços escolares. Dissertação, Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, Brasil.

SEDGWICK, Eve Kosofsky (2007). A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, 28, 19-54.

Recebido: novembro de 2011.

Aprovado: março de 2011.